

O que é pathos?*

Francisco Martins

Por intermédio do estudo da etimologia do termo pathos é apresentado as transformações e sentidos que as concepções concernentes tomaram ao longo do tempo. Inicialmente é mostrado que pathos tomou o sentido principal atual de doença, mal-estar. Porém, é logo esclarecido que pathos na sua origem é principalmente disposição afetiva fundamental, conforme a leitura de Heidegger. É mostrada a importância de pensar a psicopatologia e toda ou qualquer clínica como sendo relacionada à disposição. Neste sentido, a concepção kantiana de pathos como paixão que o sujeito está assujeitado é uma das maneiras que pode tomar a disposição afetiva fundamental. Acrescenta-se que o pathos cartesiano que domina o homem moderno e o fazer clínica como sendo daquele homem que duvida e busca então a certeza diferentemente do pathos grego dominado pelo espanto e pela discursividade. Pathos é pensado como sendo algo inerente ao ser humano e por isso mesmo qualifica o estudo de tudo o que diz respeito a este termo como sendo algo próprio do humano.

Palavras-chave: Psicopatologia, ontologia, etimologia, disposição

* O presente texto constitui parte do primeiro capítulo do livro intitulado *Psicopathologia* a ser publicado proximamente; contou com a ajuda do CNPq.

La forme la plus haute de la praxis, c'est la théorie.

M. Granger

Preâmbulo

As concepções teóricas são fruto de um longo e tortuoso percurso na história. Elas não se fazem *per se*. Os conceitos, mesmo os utilizados na atualidade, quase sempre são recriações de um pensamento originário. Essa verdade nem sempre é fácil de ser mostrada, em especial quando uma concepção prevalente encobre e procura tornar sem importância outras acepções. Contudo, logo que o conceito fundamental de um determinado setor ou de uma prática é desvirtuado a ponto de se perderem noções essenciais, torna-se premente repensar a questão. No nosso caso, que somos clínicos profissionais: *O que é pathos?*

Existem modalidades diversas de acolher um conceito que seja julgado chave em um determinado domínio. Um modo importante de fazê-lo é retomar o caminho percorrido pelas concepções e práticas em que ele é empregado, mas não de uma forma historicista que não organize e hierarquize pelo critério de importância as contribuições radicais. Existe assim, com relação ao conceito de *pathos*, mais que uma estrada muito freqüentada, hoje convertida em uma *free way*, em que a concepção normativa, canônica, encontrou suas facilidades pragmáticas. Existem estradas perdidas que levam a lugarejos e a sítios especiais que, para um bom turista ou para quem busca algo específico, serão úteis por necessidade. Elas foram transformadas, calçadas e pavimentadas e mudaram de percurso em função da própria dinâmica das transformações culturais. Algumas delas submergiram e desapareceram,

transformando-se em veredas, ou deixando somente rastros, pistas, indícios de uma direção perdida. A metáfora das estradas corresponde bem ao conceito de *pathos*, não só por figurar a banalização e a utilização exclusiva de um dos sentidos do étimo, mas principalmente porque envia-nos à constatação da existência de sentidos fundamentais e essenciais naufragados no ruge-ruge dos tempos modernos.

Uma retomada da questão *páthica* se faz premente levando-se em conta o particular avanço de concepções que, se por um lado constituem progressos verdadeiros, incorrem por outro em modalidades de pensamento que não enunciam seus pressupostos e interesses. Outrossim, e isto é mais grave, revela-se nestes projetos o desaparecimento paulatino, ou melhor, a negação e o esquecimento de toda uma série de conceitos recorrentes na clínica diária e na existência de cada um de nós, sendo por isso mesmo fundamentais.

Reabertura da questão *páthica*

Pôr em forma de questão o título deste capítulo não tem só o intuito de servir de introdução a um livro que trata deste tema ou de encontrar uma definição final tranqüilizadora que dirima o problema de vez. Colocar a questão em torno de um termo julgado essencial não tem um intuito apenas simbólico, no sentido de ser representativo. Ao contrário, visa a retomada das formas vivas e essenciais que envolvem o *pathos*. Implica *reabrir* o estudo a uma problematização que foi esquecida e empobrecida por soluções tranqüilizadoras de uma época da humanidade ávida pela posse de princípios que afastassem de vez a dúvida e o desespero. Lamentavelmente, essa avidez nem sempre foi acompanhada de um exame mais minucioso, o que provoca em alguns desespero que os afasta de maior clareza, acabando por soçobrar em concepções obscuras que simplesmente não passam por um esforço de demonstração mínima, terminando por cair em uma magia imbuída de bons propósitos, a qual faz apelo às emoções e identificações populares e desqualifica o conhecimento científico. Já outros, marcados pelo universo da dúvida, se esforçam por negar toda uma série de fenômenos, na medida em que esses não sejam passíveis de empirização. Ambos prosseguem seus caminhos respectivos, um idealista e outro cético, como se Kant não tivesse existido.

Reabrir a questão consiste, portanto, em retomar caminhos diversos. Nem todos serão profícuos, mas serão necessários, tendo em vista que alguns pensam conhecer um país pelo fato de que o atravessaram por uma auto-estrada. Dizemos ciosamente que conhecemos a Europa ou a América por meio de uma viagem de férias, mas sabemos tratar-se de um eufemismo turístico. Não acreditamos realmente ao pé da letra nesta possibilidade concreta. Caso haja insistência, serão os habitantes das regiões desconsideradas que não aceitarão tal assertiva ligeira. Reabrir consiste

em retomar e fazer reviver dimensões que ficaram ofuscadas por sofismas demasiado pungentes. Consiste em clarear o começo, não no sentido temporal, mas no da origem e fonte espiritual do nosso tema.

O fundamento de um tal retorno implica o reconhecimento das origens mais caras do pensamento ocidental. Nem por isso implica a adoção pura e simples de uma grandeza espiritual admirada, que facilitaria a atribuição de uma autoridade imutável, rígida e fixadora dos destinos. Implica muito mais uma operação de restauração analítica. Restauração no sentido de restituição, cuidado e recuperação do essencial. Analítica, no sentido de descer às suas partes menores. Por isso, a operação em causa consistirá inicialmente em uma demolição, no sentido de desmonte, quebra em partes menores ou análise do que seria o *pathos* moderno, evidenciando-se assim as perdas e lesões presentes na modernidade. Interessam aqui os sentidos, representações e ações que por necessidade estejam articulados com as palavras. Essas são indicadores, estando imbricadas nos campos epistemológicos constituídos e suas práticas. O fim, portanto, de nosso trabalho é prático, não sendo possível, por isso mesmo, negligenciar as palavras, instrumentos poderosos na construção de todo e qualquer saber. No entanto, as palavras sofrem a deformação do tempo e são a própria expressão de um percurso que não é linear, não sendo possível uma reabertura da questão sem se passar por elas. Relembrando a metáfora da estrada, existiria um trilho principal bem demarcado e facilitador, mas que é acompanhado, bem o sabe o caboclo, de trilhas. Por isso, na vida, diz o adágio sertanejo, anda-se não só nos trilhos, mas também nas trilhas, o importante é não perder o principal na(s) travessia(s).

O presente estudo não visa estudar o passado simplesmente pelo prazer de fazê-lo retornar bonito, glorioso, ou mesmo relevante. Trata-se de fazer presente aquilo que está fundamentalmente presentificado, tem suas raízes no passado e se projeta inexorável no futuro. Trata-se de delimitar o *quid*. Em outras palavras, aquilo que é essencial no transcorrer da história humana, no que diz respeito ao campo *psicopatológico*. Não se trata de fazer um exercício arqueológico. Consiste em elaborar os conceitos a fim de que eles se revelem com clareza e resplendor originário. Não se trata de fazer um retorno puro e simples ao passado, visando, por exemplo, ressuscitar Freud em um empenho restaurador. Isso seria somente idolatria e ingenuidade histórica. Trata-se de ver aquilo que tem facticidade, ou seja, que atravessa os tempos como sendo elemento essencial.

Sentido principal do conceito de *pathos* na atualidade

Nos tempos modernos, o termo *pathos* foi transformado em um radical que, quando presente, envia quase diretamente a uma concepção de doença na sua forma

médica atual. Essa dimensão tornou-se praticamente o único sentido que tem sido valorizado por todos os compêndios, dicionários, mesmo livros especializados e, de uma forma larvar, induz à compreensão vulgar do homem comum de todos os dias. Este último não deixará de apontar pelas suas crenças e sofrimentos a necessidade de recuperar no saber atual um espaço em que a questão *páthica* aflorará, uma vez que o saber moderno não consegue resolver de forma absoluta todas as dimensões e problemas da clínica. Com certeza, a concepção moderna privilegiada não deve nem pode ser diminuída sob pena de se passar a desconhecer boa parte daquilo que interessa ao *pathos*. Como veremos, o problema é o desconhecimento ou mesmo a (de)negação das origens e dos sentidos fundamentais que envolvem o *pathos* na atualidade. Empreender a simples e pura destruição da enorme contribuição científica seria realizar uma tarefa ingênua, deformadora, quiçá injusta. Trata-se antes de recuperar e interarticular os setores em que o *pathos* se presentifica, e não de retornar às querelas existentes entre “logias” diversas, ou melhor, entre setores do conhecimento que se digladiam entre si e até internamente, tais quais reinados que privilegiam suas qualidades e mais ainda os seus pequenos reis e cavaleiros. Nessas querelas o desconhecimento e a desqualificação do *pathos* se realizam.

O conceito originário de *pathos* está ligado com o filosofar

O conceito de *pathos* traz consigo possibilidades e problemas mais amplos que o sentido de doença, não fazendo parte de um só campo de estudos como a palavra “patologia” indica. Investigando-se com mais cuidado percebe-se que se trata de uma dimensão essencial humana. O *pathos* seria compreendido como uma disposição (*Stimmung*) originária do sujeito que está na base do que é próprio do humano. Assim, o *pathos* atravessa toda e qualquer dimensão humana, permeando todo o universo do ser. Não seria então uma surpresa redescobrir o *pathos* como estando na base da filosofia que influenciou toda a construção do mundo moderno e, em especial, da ciência: a filosofia grega. Toda e qualquer tentativa de elucidar o *pathos* de maneira mais aprofundada passaria não somente pelas regionalizações do ponto de vista de áreas de conhecimento específicas, mas pela filosofia na sua totalidade. É do horizonte do *logos* que se torna possível um panorama organizador desta questão humana. Evidencia-se a impossibilidade de que o *pathos* possa vir a ser objeto de estudo de uma só disciplina: ele é um conceito inerente ao ser.

Heidegger¹ foi o pensador que melhor clareou o que seria o *pathos*, retomando-o como fazendo parte da dimensão filosófica do homem. Ao fazê-lo, permitiu reabrir

1. Martin Heidegger. “Que é isto – a filosofia?” (1955). In *Conferências e escritos filosóficos/Heidegger*. Trad. de E. Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

e refundar problemas eternos, pertencentes à própria história e constituição do pensamento e das práticas atuais de uma maneira crítica. Com efeito, já Platão (*Teeteto*, 155d) concebe a fundação da própria filosofia como relacionada com o *pathos*: “É verdadeiramente de um filósofo este *pathos*, o espanto; pois não há outra origem imperante da filosofia que este”. O *pathos* aqui referido pelo filósofo é o ato ou efeito de espantar-se (*thaumázerein*), que formaria a própria possibilidade de começar e de dar eficácia à possibilidade do filosofar. A filosofia surgiria desta *arkhê*, significando *arkhê* não só aquilo de onde surge a filosofia, mas que a carrega e, mais ainda, que impera no interior da filosofia. Trata-se de algo permanente e não somente que precede ou serve de movimento inicial. O espanto estaria na origem da filosofia grega na leitura que fazemos. Este espanto é *pathos* por excelência, fato observado por Heidegger também na sua leitura de Aristóteles: “Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram à origem imperante do filosofar” (*Metafísica*, I, 2, 982 b 12 ss.).

Não estaríamos a nos afastar em direção a uma metafísica desarticulada de suas bases pulsionais? Justamente não, pois é importante notar que a filosofia, atividade tão freqüentemente identificada com as produções mais altas e elaboradas do espírito, pejorativamente situada como distante da vida do homem de todos os dias, é articulada na sua origem, intimamente, com o *pathos*. Ora, a noção de filosofia deve ser clarificada no seu conceito vulgarizado, e ressituada principalmente com relação às ciências de uma maneira geral. Ainda uma vez com Heidegger², isso pode ser realizado pela assertiva de que “toda ciência é filosofia, mas nem toda filosofia é ciência”. Um *pathos* que é tomado na sua globalidade, antes que surja a idéia de anormalidade ou de morbidade, por exemplo, é significativo. O *pathos* comportará essas possibilidades. No entanto, não estará restrito a estas noções. Em um sentido originário, a noção de *pathos* as ultrapassará, como é possível ser revelado logo que seja retomada a tradução mais habitual dos especialistas em grego.

***Pathos* é essencialmente dis-posição fundamental**

A idéia de sentimento, afecção, sofrimento, mal, nada ou pouco se encontra ligada ao conceito originário de *pathos*. Certamente a noção mais habitual em que é utilizado o termo deriva desses sentidos, em especial aquele que toca a noção de doença. E essa dimensão, insistimos, não deve ser negligenciada, pois forma o *motus* essencial de uma verdadeira prática clínica.

2. Martin Heidegger. *Interprétation phénoménologique de la “Critique de la Raison Pure” de Kant* (1927-1928). Trad. francesa de E. Martineau. Paris: Gallimard, 1982, p. 55.

Não obstante, *pathos* remete a noções bastante próximas de outros setores vizinhos da experiência vivida pelas pessoas na cotidianidade, conforme atesta o termo *patético* que, tomando um cunho menos morboso, envia ao que é comovente, ao que toca a alma, trazendo intensidade dramática intrínseca. Consta-se assim que o *pathos* se espalha na cotidianidade cultural em setores mais amplos que o da doença entendida de forma restrita.

Mais além desses sentidos, mais próximos do psicologismo moderno, Heidegger³ indica que “*pathos* remonta a *páskhein*, sofrer, agüentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se convocar por”. Na interpretação do filósofo alemão, um dos riscos da adulteração do sentido originário que estamos a mostrar é a sua psicologização, no sentido de criar uma representação psicológica. Na verdade, o *pathos* estaria antes ligado a uma *dis-posição* (*Stimmung*) que antecede o conhecer e o querer. A concepção psicologizante de um *eu* subjetivo passa a ser encarada de uma maneira crítica, de forma que se perceba seus limites. A preocupação maior que dirige a retomada do *pathos* significa optar pelo ideal de Homem ou da *humanitas*. Descartando-se a acepção restritiva de caridade que o termo “humanitário” tomou, significa, no seu sentido mais nobre e rigoroso, visualizar o *pathos* como pertencente à essência da própria descoberta e continuada investigação do que é o Homem, das leis que o regem e das suas formas autênticas.

Na Grécia Antiga o espanto foi a condição *páthica* do filosofar então começante. Pode-se supor, dada a importância do *pathos* para a filosofia, que uma mudança radical na forma de pensar em uma determinada época implicaria uma modalidade *páthica* diferente. No caso fundamental da revolução cartesiana o filósofo alemão indica não mais o espanto, mas a *certeza*, tornando-se esta a fixação *páthica*, ou disposição originária que domina o mundo moderno. O afastamento da *dúvida*, como vocação e medida da necessidade de certeza está nas próprias entrelinhas do *cogito (ergo) sum*, tão importante na instalação de um ego (psicologizado) e da conseqüente criação da subjetividade moderna. Ou, na análise insubstituível de Heidegger⁴: “A dis-posição afetiva da dúvida é o positivo acordo com a certeza. Daí em diante a certeza se torna a medida determinante da verdade. A dis-posição afetiva de confiança na absoluta certeza do conhecimento a cada momento acessível permanece o *pathos* e com isso a *arkhê* da filosofia moderna”.

Com efeito, *pathos* se encontrará sempre na base, *dis-posição* geral organizadora e propulsora do destino humano, atravessa todo o espírito de uma época, como fizemos referência com relação ao mundo grego e ao mundo cartesiano, e também nos destinos específicos, pessoais, que os seres humanos enfrentam. Esta *dis-posição*

3. Martin Heidegger. “Que é isto – a filosofia?”. Op. cit.

4. Ibidem, p. 23.

torna-se muitas vezes o elemento motor, o sopro da vida de toda uma existência. Encontra-se em obras fundamentais formadoras de um determinado tipo de homem privilegiado em uma determinada época. Quando se pensa na *Ilíada*, como documento principal da cultura grega primitiva, vemos como seu *pathos* o sublime destino heróico do homem lutador. É desta *dis-posição* fundamental que o homem grego descrito por Homero se encontra possuído sem o saber.

Efetivamente, traduzir *pathos* como *dis-posição* nos permite enveredar no clima essencial e fundamental que domina cada passagem da existência. Esse clima vem à luz sob a forma de um *acordo* a se realizar, ou de um possível *des-acordo*. Esta articulação ou des-articulação possível que uma *pathoanálise* elucida pode ser assim situada: “Acordo-Desacordo com o ambiente ou atmosfera, meio-ambiente, o meio onde se vive, o mundo, mesmo a natureza, o ser, os outros e si-mesmo segundo o *tom* de uma situação e segundo o *ritmo* de uma mudança que podem já, desde este ‘nível’ elementar-primordial, se realizar como harmônicos ou, ao contrário, *se analisar* como mais ou menos desarmônicos”⁵. Estando o sujeito *pré-disposto*, ele já terá algo organizado (*dis-posição*) com relação, por exemplo, aos outros, o que fatalmente estará presente nem que seja sob a forma de uma contratransferência. Estando com uma *in-disposição*, vemos já o resultado desorganizador presente. A *dis-posição* global então é essencial na tomada de *posição* na existência. Muitas vezes a disposição leva a formas extremamente malogradas de existência, em que a falta de harmonia (*dis-posição*) torna-se o elemento mais evidente. Com efeito, a desarmonia é característica de formas essenciais de destinos humanos *patológicos* em que o sofrimento para si e para os outros campeia. O *pathos* contém esta possibilidade de perda de harmonia na evolução e nos destinos diferentes dos seres humanos, especialmente dos chamados doentes mentais, mas também contém as formas mais *sublimadas* de existência. Outrossim, possibilita uma rearticulação essencial para a psicopatologia moderna, como veremos com Freud.

Destino e *pathos*

É correto pensar que mais além de uma determinada tipologia podem-se encontrar estilos que este sopro fundamental do espírito propicia. Diz-se que o estilo é o homem. Assim, um estudo que envolva a dimensão *páthica* envolve o entendimento do que é estruturante de toda e qualquer destinação humana possível. Falar em destino pode parecer uma afiliação a algo obscuro e fora dos limites do

5. Jacques Schotte. “Comme dans la vie, en psychiatrie...” In *Qu’est-ce que l’homme? Hommage à Alphonse De Waelhens (1911-1981)*. Bruxelles: Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1982, pp. 621-673.

conhecimento humano. Isso porque a noção de destino viu-se exclusivamente ligada à idéia de algo que foi fornecido gratuitamente. Um destino inevitável, sem saída, é uma das suas possíveis modalidades. Os romanos chamavam de *machina fatalis* a idéia de fatalidade cega ou *moira*, para os gregos. O destino é mais que a obra de um acaso ou de algo fornecido gratuitamente pelos deuses. O destino pode ser também construído e estruturado na história vivida do homem. Certamente não mais como obra de um *ego* todo poderoso, e sim de um Eu que se confronta com o desconhecido e se vê muito mais como um produto resultante de um processo *inconsciente*. Sem dúvida, Freud tem como altamente relevante a dimensão que chamaríamos de biopsíquica, dimensão designada por um termo fundamental: *pulsão* (*Trieb*). Mas Freud não qualifica o conceito de pulsão *per se*, ele quer esclarecer na verdade o *destino pulsional* do ser humano. O pulsional é necessariamente íntimo do destinal na obra freudiana. Freud aponta esta relação no título de um dos seus artigos mais significativos do ponto de vista doutrinário: “Pulsões e destino das pulsões”⁶. Se a questão do destino tem um ar finalista, ela tem de ser movida por algo, no caso o pulsional (biopsíquico), que não deixaria de ser identificado com a *dis-posição* fundamental do sujeito.

O *pathos* diz assim respeito não somente às alterações e aberrações desequilibrantes da harmonia do sujeito. Ele está presente na cotidianidade cultural e nas formas de existência mais exemplares e caras da história da humanidade. Quando apreciamos a história de Penélope, preferindo, ainda neste capítulo, utilizar exemplos paradigmáticos da história grega, mas que são reencontrados no nosso dia a dia atual, próximo a nós, homens comuns de todos os dias, vemos a urdidura da própria vida humana sendo construída, com e a despeito do sujeito. Como é sabido, Penélope é uma destas mulheres heroínas que se destacam pela beleza moral mítica. Desde os momentos anteriores ao casamento com Ulisses, em que é colocada como um objeto altamente desejado pelos homens, ela parece saber qual o seu lugar na “Odisséia” do homem que a ela se juntará. Diríamos que nestes momentos *pathos* a interpela. Assim percebendo que Icário, seu pai, não toleraria a idéia de que ela partisse, logo que Ulisses permite a sua escolha, ela deixa cair o véu sobre o rosto, não respondendo diretamente ao pai, mas mostrando um pudor que tocará sem dúvida o ancião. Durante a longa ausência do seu marido, Penélope vê-se assediada por inúmeros pretendentes. Mesmo quando era duvidoso que ele ainda

6. É lamentável a tradução deste artigo “Trieb und Triebchicksale” como sendo “Os instintos e suas vicissitudes”, que mostra não uma ignorância da língua alemã, mas, muito mais, uma insistência de tornar a psicanálise mais digerível nos meios científicos. Na verdade, tanto pulsão como destino são termos que em alemão fazem parte do vocabulário comum. Com efeito, não foi somente o *Trieb* freudiano que foi deturpado, mas, também, o seu destino.

vivesse, em face da interpelação para que se decidisse sobre com qual dos pretendentes se casaria, vemos a nossa heroína utilizando-se do tempo, do adiamento de uma decisão, dizendo que a mesma seria tomada logo que o urdimento da tela para o dossel funerário do pai do seu marido ficasse pronto. Utilizando-se de um alibi, tecia a tela de dia e a desfazia à noite; ela contribui assim para o desfecho da Odisséia. Contribui não com um sintoma, como uma interpretação psicologizante poderia insinuar, mas com uma resposta que constrói o destino heróico e na qual as metáforas e artimanhas utilizadas são escolhidas pelo sujeito ciente do preço a pagar e do esforço na manutenção do ideal.

Quantas mulheres não se identificariam com esta história, não somente no heroísmo sem fausto, mas também percebendo que a *dis-posição* geral da heroína poderia, dependendo das circunstâncias, levar ao melhor como ao pior! A possibilidade de uma tragédia ou de uma exaltação heróica não são excludentes nem impossíveis de conviver: o que chamamos de *pathos* assegura. A identificação virá pela isenção de caráter e de conduta de Penélope e pelo clima geral que domina a história: será ela capaz de manter a retidão até o final, custe o que custe, quase como uma contribuição caseira para a saga de Ulisses de ganhar a batalha da vida? Caso a sua famosa tela seja identificada pura e simplesmente como um sintoma queixoso, substituto da falta de tomada de decisão, perde-se o essencial do drama sustentado por esta mulher que é, ao mesmo tempo, dona de casa, fiel e atenciosa com as servas, mulher desamparada, privada da presença do marido e mesmo de saber qual era o seu paradeiro, mãe angustiada com o filho único, e interpelada, mais uma vez, pelos homens a tomar uma decisão crucial para o seu destino. O adiar é decidido e claro. Não é passivo. O pano de fundo formador do aparente sintoma é fundamental para o entendimento, pois revela a construção do próprio destino, em que a retidão do caráter e da conduta moral são os verdadeiros ideais cultivados e vividos no dia a dia.

Pathos e paixão

A noção de estado de doença, mesmo que tenha se constituído na forma usual de compreensão do radical *pathos* nas línguas ocidentais, não encobriu por completo a sua complexidade. Uma outra acepção tem sido valorizada com um sucesso menor. Trata-se de uma das dez categorias aristotélicas, apontada por Descartes, Condillac e Hegel: a *paixão humana*⁷. Foi com Kant que este caminho se viu valorizado como sendo as *passiones animi* (*Leidenschaften*). As paixões passaram então a fazer parte

7. Vide, para um panorama mais detalhado, por exemplo, André Lalande, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie* (1923). Paris: PUF, 1983.

das noções psicológicas. Elas podem ser compreendidas como tendências de uma certa duração da vida psíquica, afetiva, intelectual, imagética, que dominam a vida do espírito. A intensidade das paixões se manifesta de diversas maneiras, variando seja pela continuidade seja pela descontinuidade. Contudo, sempre é apreciável o resultado das paixões sobre o sujeito: pelo efeito de *exageração*, que tende ao absoluto, pela subordinação de toda a existência, e por englutir qualquer outra tendência.

A paixão amorosa inclui-se, mesmo do ponto de vista mais ordinário, como sendo algo que passa a controlar o sujeito em direção a um destino inexorável. A paixão amorosa foi sublinhada pelos clássicos românticos. Ela é, porém, uma das possibilidades. Toda e qualquer exacerbação que conduza o sujeito a uma *radicalização* de uma forma de existência pode levar a um destino fatal. Ora, seria um engano não perceber que este *pathos* age não só no melhor, mas, também no pior, caso apreciemos o resultado final. A paixão pela verdade e pelo conhecimento, tão cultivada e buscada desde os primórdios das primeiras civilizações, é percebida popularmente como algo excêntrico, mais próximo de uma *mania* aceita com condescendência. Os chamados crimes passionais exemplificam, justamente pelos contrários, um chamado estado *patológico* em que alguns buscam a justificativa para o atenuamento de uma pena. A imagem do pior dos criminosos feita pela psicopatologia schneideriana apontando como sendo personalidades psicopáticas aqueles que “andam sobre cadáveres sem nada sentir”⁸, desprezando estas pessoas toda e qualquer noção de Bem, mostra justamente a falta de uma paixão específica. No caso, a paixão faltante é aquela tão valorizada e apreçoada por Kant de um homem moralmente intocável, venerável mesmo. Ou seja, o homem que age pela *paixão* do Bem. Ao contrário, a descrição de Schneider evidencia a presença de uma impulsão, que domina o homem mais que nunca, notada como mortífera, não deixando de ser tão determinante como a do Bem. Reafirma-se assim o *pathos*, presentificado tanto no bom homem de Kant quanto no criminoso de Schneider.

A notar que, se a paixão pelas letras, poesia e vida artística foi identificada com a loucura, por via das excentricidades da criação e do imaginário romântico, sempre ela tomou e permaneceu com um caráter *páthico* na sua essência. As paixões são experiências verdadeiramente *páthicas*, visto que são *sofridas*, nas quais o sujeito *se deixa levar por, se deixa con-vocar por*. “É algo além de mim”, ouvimos na clínica e no cotidiano, que coloca o sujeito em um automatismo acompanhado do seu pré-requisito que é a inconsciência.

Esse sujeito é essencialmente submetido às paixões. Em outras palavras ele é essencialmente *passivo*: é característico da paixão que este “eu” que se quer senhor de si acabe por sofrer uma dor ou até um prazer, que por sua vez podem ser rejei-

8. Kurt Schneider. *Patopsicologia clínica*. Madrid: Editorial Paz Montalvo, 1970.

tados ferrenhamente. É certo que, no passado, falava-se também de paixões ativas, ou seja, as paixões de agir. Em ambos os casos, o direito mais banal no Ocidente coloca a razão como submetida, paralisada pela paixão. Daí sua identificação com a loucura. Que a paixão seja identificada com algo visto como uma doença segundo a medicina atual, por exemplo, com uma paixão que seria a avidez de beber, trata-se de uma sobreposição, pois a medicina não aceitará as outras analogias que as metáforas populares restituem com relação ao amor: “estar louco(a) de amor”; com relação à raiva: “raiva guardada envenena”; com relação à avidez: “querer demais foi sua perdição”... Tal como os cabelos, que crescem a despeito da vontade do proprietário, as paixões, ancorando-se na experiência do corpo próprio, passaram a ser identificadas com as doenças da alma, no entendimento popular. E, sendo paixões, têm um caráter típico: o sujeito as vive como sofrendo uma ação. Com essa passividade se articula muitas vezes a demanda por que o outro seja ativo, mesmo que este não esteja em condições de suprir o lugar de representante dos deuses na terra.

Pathos e simpatia

Um outro resquício do antigo *pathos* ressurge no discurso cotidiano atual, sem nenhum compromisso com noções de origem médica e mesmo científicas. Trata-se da idéia de simpatia. Tanto esta como a antipatia não estão presentes só na clínica diária. São experiências da vida comum. Vivemos essas experiências nas relações com os outros e até com acontecimentos, mesmo coisas. Somos simpáticos ou antipáticos com aquilo que nos é familiar. O que nos é próximo, aquilo que tem parentesco conosco, consegue promover simpatia ou antipatia. Aquilo ou aquele que detecto como desejável, agradável, ou melhor ainda, aquilo a que me identifico provoca minha simpatia, ou então, em caso contrário, antipatia. Nos dois casos estamos implicados como sujeitos, ficando evidenciado que existe qualquer coisa em mim que me dispõe a experimentar algo *páthico*.

Ocorre que nem tudo provoca simpatia ou antipatia. Tornou-se lugar-comum no modo de fazer ciência mais divulgado que a neutralidade deve ser pelo menos cultivada, para não dizer que tanto a simpatia como a antipatia devem ser evitadas. Esse ideal pode ser bem nutrido quando o elemento humano não está diretamente implicado. Logo que o humano atravessa o fazer ciência não terá nenhuma neutralidade. A loucura, tal como estudada nos textos psicopatológicos clássicos, evidencia os viéses deste ideal. Assim, logo que pensamos na loucura, não somos ou não queremos ser simpáticos ou antipáticos. O nosso fazer ciência exige neutralidade *páthica*. Localizamos a partir de então a loucura como algo exterior, um objeto pertencente ao mundo concreto e que não nos concerne como psicopatologistas.

Mas, não deixa de ser muito *estranho* pensar a loucura como algo pertencente a outrem, nada tendo a ver comigo mesmo. Substituo minha eventual simpatia ou

antipatia por uma neutralidade que não consegue refugar essas experiências. Assim fazendo, ficamos preservados, podemos manter a cidadela da razão descontaminada. Localizar a loucura como doença é uma estratégia que não deixa de ter conseqüências para todos. Por um lado, não permite a realização da antipatia completa. Por outro, realiza menos ainda qualquer ideal romântico de simpatia. Consegue em geral colocar em um grande limbo os loucos e excêntricos, permitindo a continuação da boa consciência de um bom número de interessados.

A clínica não pode excluir essas experiências sob pena de desconhecer solenemente aquilo que a move e que a perturba. Move pela simpatia que temos por determinados temas, pessoas, modos de conceber e de trabalhar. Todas as chamadas afinidades eletivas tanto no amor, como no campo profissional, estão estreitamente ligadas ao *pathos*. As chamadas ciências clínicas devem encarar esses fenômenos como fazendo parte inerente do seu próprio processo constituidor.

O *pathos* é inerente ao ser: contraponto com a noção mais reduzida de doença

O esforço feito até o momento foi no sentido de demonstrar como está o *pathos* na essência mesma do ser humano, e não só na excepcionalidade do adoecer. Na verdade, se fôssemos mais justos, deveríamos indicar que houve uma redução do conceito de *pathos* ao sentido de doença. Sendo este o objeto privilegiado da prática médica, é natural que outros caminhos tenham sido abandonados. Conseguiu-se um conhecimento objetivo que, de tão privilegiado, deixou de lado o sujeito mesmo, objeto de tanto estudo. Por isso se torna premente pensar a questão *páthica* como sendo inerente e fundamental para o Ser, sem que com isso seja excluída a noção fundamental de sofrimento humano. Mas antes de *pathos* ter sido tomado como doença, a própria noção de adoecimento passou a ser controlada por um outro conceito. Trata-se de confundir *pathos* com doença, e esta com *hybris*. Finalmente, assim, com a concepção de doença.

Pathos se torna *hybris* sem o saber, como se *pathos* envolvesse somente a aberração, o desvario e a anormalidade. O conceito de *hybris* foi identificado como sendo o campo de estudo do *pathos* contemporâneo. O conceito de *hybris* seria uma dimensão essencial das destinações possíveis dos seres humanos, estando próximo da idéia das paixões cegas, do desvario, da excepcionalidade. *Hýbris* termina, quase sempre, por levar os heróis gregos a se confrontarem com a morte e os sofrimentos. Os sofrimentos de Ulisses como força sublime e onisciente devem ser diferenciados do seu contrário, que seria a *hybris* dos pretendentes de Penélope. *Hýbris* seria o ultraje, a aberração, relacionando-se estreitamente com algo ofensivo, insultuoso e injurioso, que, no caso dos pretendentes de Penélope, faz encontrar a

morte como expiação. Seria enganoso pensar que *hybris* se manifestaria somente no campo da *phýsis*, da natureza. Mais além da natureza, diferentemente da natureza, onde estas são dadas, os homens, em todas as culturas, constroem acordos entre si. Por isso *hybris* pode se apresentar estreitamente ligada à idéia de lei. Na Grécia antiga a lei comporta nuances conceituais diferentes. Deve ser distinguida inicialmente a idéia de *dike* de uma outra, introduzida pelo radical *nomos*. O conceito de *dike* significa direito, no sentido comum de dar a cada um o que lhe é devido. É regulado pela assembleia no sentido de cumprimento da justiça. A *dike* na Grécia veio a se tornar o ideário da isonomia, dos direitos iguais para todos. Já a idéia de *nomos* se assenta sobre a *dike*. Ou seja, *nomos* está próximo da regra a ser aplicada a partir da lei. Deve ser distinguida ainda de *themis*, entendida como direito outorgado, instituído, referindo-se à autoridade do direito. Ora, o conceito de *hybris* deve ser entendido no sentido que esta adquire como sendo a ação contrária ao direito. Vemos, portanto, que já na Grécia o conceito de desvio, de anormalidade, exigia ser clareado na sua constituição, sob pena da *dike* ser desconhecida.

A *hybris* implica sempre um conceito de *nomos* que sirva de critério ou, mais ainda, de ideal de excelência (*aretê*) a partir do qual a *hybris* é apreciada. Interessante lembrar que a pior das *hýbreis* é aquela promovida pela própria *timê* (honorabilidade pessoal com que o sujeito já nasceria) e *aretê* (excelência, ideal). O herói nesse caso está mais perto dos deuses do que dos homens, em situações limites. Nessa situação a *aretê* o leva a transgredir os limites impostos pelo *métron* (limites impostos aos mortais pelos Deuses), ensejando o orgulho desmedido e a insolência (*hybris*). Caso insistamos em estudar *hybris*, podemos adiantar, os gregos já tinham clareza, torna-se essencial no *nomos* adotado para avaliar *hybris*, o *métron* e até *sophrosyne* (meio-termo, justa medida das aspirações e esforços). Se *métron* é dado pelos deuses, podendo ser até identificado parcialmente com relação a natureza (*phýsis*) os limites suportáveis pelo ser, os ideais nem sempre são dados. Eles devem ser obtidos.

Os ideais são identificados na Grécia antiga com as quatro grandes virtudes apontadas por Platão (na *República*): fortaleza, piedade, justiça e prudência. Esses são critérios de ordem essencialmente ética, baseados em argumentos lógicos e não na aprovação da assembleia. Saímos do domínio estritamente *nomotético* para o domínio da Ética. Como poder-se-ia então adotar critérios *nomotéticos* em dimensões do humano em que são justamente privilegiadas as virtudes platônicas? Pensamos que aí reside um dos enganos que levaram a psicopatologia a ser tomada tão-somente como estudo da *hybris*, esquecendo-se então o conceito original de *pathos*.

Com efeito, tudo o que possa ser descrito como sendo *pathos* pertence ao ser humano, sendo o adoecer uma das possibilidades de destino possível deste mesmo Ser. Por isso os limites do *patho-lógico* devem ser estendidos para mais além dos conceitos tradicionais que delimitam a noção de patológico na medicina objetiva atual.

Até as traduções feitas do latim vêm fazer emergir somente questões fundamentais pertencentes ao domínio limitado e objetivado de aspectos do adoecer. Por intermédio de três radicais gregos, com seus similares latinos, é caracterizado o domínio do patológico:

- Radical 1 (introduzido pelo termo grego *asthnéia* ou pelo termo latino *infirmitas*): as patologias que são caracterizadas como uma *deformação, deficiência ou mutilação*.
- Radical 2 (introduzido pelos termos gregos e latinos respectivos: *nosos* e *morbus*): indicando as patologias como um estado de *desequilíbrio e desarmonia*.
- Radical 3 (introduzido pelos seguintes radicais: *pathos* e *dolere*): como o domínio das patologias modernas que trazem *mal-estar, dor, sofrimento objetivo ou subjetivo*.

Ora, esses três radicais, ou formas de caracterizar as patologias modernas, é essencial que sejam preservados e reconhecidos, sob pena de ser denegado, de forma gratuita, todo o esforço científico moderno. Os três radicais enviam a possibilidades de sofrimento, dor e, no final, até morte. A morte é o destino final. O tipo de morte se constituirá no ápice do *pathos*, tornando-se, por assim dizer, sua prova final. Daí ser uma ingenuidade desprezar a morte, a doença e até *hybris* em favor de um sonho nirvânico. *Hýbris* estará sempre estreitamente correlacionada com *pathos*, não devendo ser, contudo, confundidos.

Mesmo assim, *pathos* foi tomado como *hybris* e, via de regra, valorizado como variação da norma, e qualificado no essencial como pertencente às ciências naturais e especiais. Compete apontar que o *pathos* vai mais além de setores específicos do conhecimento, como o setor da Biologia, o da Psicologia, o da Sociologia ou ainda qualquer outro, passando a pertencer a todos os domínios que toquem o Ser humano.

O *pathos* deve sair das ontologias regionais

A asserção feita no presente subtítulo pode parecer óbvia agora. Contudo, logo que se fala de, por exemplo, *paixão*, no domínio das ciências objetivas, constatamos aversão, indiferença, inquietação mesmo, provocadas certamente por uma confusão entre seriedade e objetividade, conhecimento efetivo e ciência empírica, que passou a fazer parte de uma concepção bastante freqüente entre os cientistas da nossa era. Caso seja retomada a idéia de sofrimento, não será fácil também encontrar um cientista que queira se dedicar a este estudo, mesmo que a maioria deles tenha passado a vida dedicando-se a minorar o sofrimento humano. Ao serem retomados outros sentidos já apontados com relação ao *pathos*, ver-se-á que ele se encontra em tudo o que é humano, sem todavia se precisar em um setor único e específico. O conceito

é, portanto, similar nos seus destinos a idéia de Ser humano, presente desde os primórdios gregos até os tempos atuais, sem que com isso tenha sido qualificado devidamente.

Os três radicais indicados como sendo as formas preferenciais de entendimento da patologia moderna, logo que investigados em detalhe, mostrarão que são utilizados em diversas disciplinas modernas como a fisiopatologia, a anatomia patológica, a neuropatologia, se é que é pensado na medicina atual. Caso nos interessemos por outros setores do conhecimento como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia encontraremos, à medida que se progride em direção às humanidades, um menor consenso, surgindo querelas, correntes e explicações as mais diversas e conflitantes. No entanto, em todo o saber moderno pode ser observado um privilégio da atividade científica em direção não à questão do sujeito, mas a objetos específicos. Esses objetos dão os limites de cada ciência seguindo o modelo da Física. Assim como esta toma a matéria como objeto principal, a Biologia toma a vida, e uma das psicologias, o condutivismo, que prima por se apoiar em uma metodologia das ciências naturais, toma o comportamento como seu objeto. Fazer ciência consiste, portanto, em se ater ao setor dos objetos.

Os três *étimos* são também os modos principais em que o *pathos* foi tomado pela investigação científica moderna. Eles refletirão maneiras pelas quais o *pathos* foi objetivado. Diríamos mais ainda: movida pela questão essencial do sofrimento, a clínica moderna se viu subsidiada por essas três concepções clássicas de indicar como é a afetação fundamental determinadora de um sofrimento específico.

Mas um dos dramas atuais não será exatamente esta pulverização, esta espécie de superespecialização cientifista que não explicita seus ideais, bem como a ética que a move? Atendo-se somente a um objeto específico, a questão da globalização fica adiada. Certamente que uma globalização, um ideal totalitário de se alcançar um saber definitivo, final, só é compartilhada por alguns poucos ingênuos. Não se trata aqui de fazer a apologia de um conhecimento globalizante. Trata-se de revalorizar a questão essencial de todos os tempos, ou seja, a questão do Ser, e por conseqüência o *pathos*, que se encontra dissolvido em inúmeras especialidades, tendendo a se perder em questões regionais de cada disciplina.

Essa pulverização, necessária mesmo para a constituição de objetos de investigação científica, principalmente nas ciências empíricas modernas, coincide com uma separação entre *pathos* e *logos*. Entendendo-se *logos* na sua acepção mais restrita de *ratio*, tal como Descartes o traduziu, esta separação se verá transformada em um verdadeiro fosso. Com efeito, *logos* e *pathos* não existiriam um sem o outro mesmo que nos deixemos ofuscar pela fascinação de objetos independentizados do sujeito.

Por conseqüência, retomar a questão *páthica* ensejará necessariamente abdicar de se chegar a uma circunscrição definitiva do seu campo, na medida em que *pathos*

está vinculado à dimensão do Ser. Por isso, qualquer tentativa de exploração de algo do *pathos* será sempre incompleta. Incompleta no sentido da finitude, conforme a fórmula clássica de Ésquilo: *pathei mathos* – aprender pelo sofrimento. A fórmula não significa um elogio ao sofrer, ou seja, que aprendemos com o sofrimento a não cairmos na repetição. A experiência mostra justamente o contrário. Na verdade, a fórmula clássica é reveladora dos limites de todo e qualquer conhecimento. Revela assim os *limites* e a *finitude* do homem. É aí que retomar a questão do sujeito assume sua veracidade essencial. Isso pela especial desqualificação e esquecimento do sujeito nos nossos tempos. Uma psicopatologia que se queira verdadeira não poderá, portanto, esquecer o essencial em que tanto insistimos. Esse é o ideal que moverá nossa investigação, que encontra na teoria e na prática clínicas inauguradas por Freud sua porta de entrada principal.

O homem: este animal *páthico*

A noção de *pathos* comporta um manancial de sentidos que recobrem dimensões diversas do conhecimento atual. Constatamos a impressão de que o conceito foi disseminado em atividades nas quais se perderam noções essenciais, já que não existe espaço para ser explicitada a questão do sujeito. Essa não é a vocação das ciências positivas. Também a oposição entre objetivismo e subjetivismo é ultrapassada, porquanto não permite uma articulação mais frutuosa. Assim o desafio é reavivar esta inter-relação, qualificando a questão do sujeito, em virtude do seu esquecimento. Essa qualificação já foi muito bem apontada por Nietzsche ao dizer que o “homem é um animal doente”. “Doente” aqui equivalerá a *páthico*, guardando toda a acepção da *disposição* para o *sofrimento*. Para tanto, basta estar vivo. Mas também no sentido de que é o termo “doente” que constitui o cerne do humano, que traz a possibilidade deste animal se confrontar com destinos e questões que o transformam em humano.

O surgimento de disciplinas clínicas, disciplinas que se fazem *junto* a outrem, literalmente *junto ao leito*, não poderá desconhecer essa realidade que o exame da história da humanidade aponta. Em outras palavras, temos setores essenciais do humano que estão fora das objetivizações. Desconhecê-las é perder-se novamente em um jogo de fazer ciência como se o outro não existisse como sujeito. Elas devem considerar as ciências de uma maneira geral, nas suas diversas formas, tanto empírica quanto lógica e até hermenêutica, saindo de uma pseudoclausura criada pela ignorância recíproca, para se articular e fundar-se em uma Ética. Não é possível se fazer, nem mesmo se almejar fazer um percurso de todos os setores, ou mesmo da filosofia de tudo o que diz respeito ao *pathos*. Tratou-se aqui de retomar como fio condutor este conceito essencial em toda e qualquer disciplina clínica. Já podemos avançar que as psicopatologias mais conhecidas sempre consistem em uma regionalização,

precisada no seu ideal de cientificidade por uma objetivação dependente da concepção adotada de *psiquê* ou de *logia* que a comanda.

Acreditar nesta(s) psicopatologia(s) não nos eximirá de interpelar a questão premente do animal humano: o *pathos*. O *pathos* originário nos permite repensar a questão humana e dos seus destinos antes de qualquer cisão, separação (*chorismós*) entre normal e anormal. O *pathos* permite restituir de maneira refinada como se faz a criação deste terrível fosso classificatório entre o normal e anormal, mostrando como um pode informar o outro, explicando destinos humanos tão diversos. O homem é, no sentido pleno da palavra, suscetível de *pathos*, na medida em que este determina sua existência. É também do *pathos* que ela é colocada em provação com relação aos seus sucessos e fracassos parciais, ensinando-nos o que é verdadeiramente o solo comum e possível no qual o sujeito se move para construir a sua humanidade.

Resumos

Mediante el estudio de la etimología del término pathos se presentan las transformaciones y los sentidos que las concepciones concernientes tomaron a lo largo del tiempo. Inicialmente se afirma que pathos tomó su sentido principal actual de enfermedad, malestar. No obstante, posteriormente se aclara que en su origen, pathos es principalmente disposición afectiva fundamental, de acuerdo con la lectura de Heidegger. Se demuestra la importancia de considerar que la psicopatología y la clínica están relacionadas con la disposición. En este sentido, la concepción kantiana de pathos como pasión a la que el sujeto está sometido es una de las formas que puede asumir la disposición afectiva fundamental. Se agrega que el pathos cartesiano que domina al hombre moderno y orienta la actividad clínica es el del hombre que duda y a partir de ahí busca la certidumbre de manera diferente al pathos griego, dominado por el espanto y por la discursividad. Pathos es conceptualizado como siendo inherente al ser humano y por ese motivo califica el estudio de todo lo que se refiere a este término como siendo algo propio de lo humano.

Palabras llave: Psicopatología, ontología, etimología, disposición

À travers de l'étude de l'étymologie du mot pathos est montré les transformations et divers sens que les conceptions ont subi au fil du temps. D'abord, il est démontré que pathos a pris le sens principal actuel de maladie, malaise. Néanmoins, il est toute suite éclairé que pathos, à son origine, est principalement disposition affective fondamentale, d'après la lecture de Heidegger. Il est aussi montré l'importance de penser la psychopathologie et la clinique comme étant en rapport à la disposition. Dans ce sens la conception kantienne de pathos comme passion que le sujet subi est une des possibilités que la disposition affective fondamentale peut prendre. On ajoute que le

pathos cartésien qui domine l'homme moderne ainsi que le savoir faire de la clinique comme étant celui qui doute et cherche la certitude diffère du pathos grec qui est dominé par étrangeté, la surprise et la discursivité. Pathos est pensé comme un concept qui appartient à l'homme et par cette raison qualifie l'étude de tout qui est propre de l'humain.

Mots clés: Pshycho-pathologie, ontologie, étymologie, disposition

Through the study of etymology of the word pathos, transformations and meanings adopted by the relevant conceptions as time went by are here presented. At first it is stated that pathos acquired its main present meaning of disease, discomfort. Notwithstanding, later on it is clarified that in its origin, pathos means, primarily, a fundamental affective disposition, according to Heidegger's writings. The importance of considering that psycho-pathology and clinic are related to the above mentioned disposition is shown. Thus, the Kantean conception of pathos as passion befalling the subject is one of the forms that fundamental affective disposition may assume. It is added that the pathos referred to by Descartes, the one that masters modern men and guides clinical activities is the one borne by men who doubt and thence quest for certitude in a manner different from the one associated to Greek pathos, dominated by awe and by a discursive trait. Pathos is conceptualised as inherent to the human being and for this reason it qualifies the study of all that pertains to the expression as being something inherently human.

Key words: Psycho-pathology, ontology, etymology, disposition